

NOTAS RELIGIOSAS: A EXTINÇÃO DO JOGO¹

O ato do governo extinguindo o jogo no país, foi muito bem recebido pela opinião pública, e merecia. Para nós católicos, não pode e nem deve passar despercebido o seu mérito principal- a afirmação de que a moral deve sempre predominar sobre o interesse. Desfrutava o poder público, no jogo, uma das rendas mais fáceis e volumosas e por cima sem controle. **Extinta a jogatina e paralisada a pouca vergonha que se ostentava e abria diariamente de esquina a esquina dos grandes e pequenos centros- essas também a lá decência dos gastos clandestinos de dinheiro alheio. Golpe bem dado de um ponto de vista moral. Fora da lei, o jogo poderá ir continuando, mas irá como que perdendo sangue até morrer.** Se alguém entra numa casa dessas, arriscando a sair dela nas mãos de um agente de polícia, é claro que não se anima a tanto para jogar? A sociedade deve estar satisfeita com o decreto, por que, como magnificamente doutrinou o saudoso e querido arcebispo de São Paulo, D. José Gaspar, o pior do jogo é a instituição dele com os foros da legalidade, como um direito ou uma relíquia do povo. Isto acabou, e também as maliciosas afirmações dos interessados de que as altas autoridades do país jamais estancariam uma fonte de renda, ou, como dizia alguns, a mina para as despesas sem responsabilidade.

Procede, entretanto, o argumento de que, havendo decretado a extinção dos jogos de azar, o governo deve estender ou simplesmente executar a medida em relação **a todas as modalidades de exploração do povo, máxime ao câmbio negro.** É sabido, aliás, que o jogo em sua forma popular, tomou incendiárias proporções no Brasil, precisamente pela exiguidade de recursos das massas. Alguns dirão o contrário, mas a realidade é essa. Quem recebe o ordenado, faz os pagamentos exigidos e fica com apenas alguns cruzeiros, aventura-se na sorte. Perde, mas arrisca a última esperança. Ora, se foi, também por isto, muito louvável o ato que extinguiu o jogo, melhor será que as classes trabalhadoras comecem a fazer suas reservas, e não que o dinheiro poupado dessa forma passe **aos cofres dos tubarões,** o que seria cruel. Conforme um dos sermões de São João Crisostomo, o mais temível dos salteadores é o que esconde os gêneros de primeira necessidade para provocar a alta e deste modo enriquecer-se. Os que atacam nas estradas, arriscam-se pelo menos; os açambarcadores não: suas próprias vítimas é que se vão despindo para lhes entregar tudo, enquanto eles pretendem nada perder e de todos se apropriar. Em certo sentido, esta forma de explorar é pior mesmo que a do banqueiro de jogo e sobretudo mais extensa. Deram os poderes públicos uma prova de amor aos princípios: - assiste-lhes agora **direito de sobra para cair em cima dos lucros ilícitos, merecendo a graça do povo e as bênçãos de Deus.**- O.A.P

¹ Jornal de Notícias, SP, domingo, 05.05.1946